

Comunicação – Jornadas de Beja

16,17,18 Novembro 2000

A comunicação que venho apresentar é uma breve reflexão de algumas das questões produzidas ao longo do trabalho de campo que tenho vindo a realizar para a dissertação do Mestrado de Antropologia, “Patrimónios e Identidades”, do ISCTE, sobre o Cante Alentejano na Margem Sul do Tejo.<sup>1</sup>

Face à riqueza deste fenómeno cultural, e à necessidade de serem efectuados estudos sobre a transplantação do cante para a cintura industrial de Lisboa, que são praticamente inexistentes, tomei como ponto de partida o estudo de um grupo coral alentejano residente nesta área geográfica.

Contrariando uma abordagem ao cante assente, sobretudo nas colecções de modas, nos cancioneiros e na métrica das suas décimas (o que tem atraído muitos folcloristas e musicólogos), a minha intenção era, ao eleger o cante como objecto de estudo, compreender o seu lado sócio-cultural, a forma como ele conjuga as sociabilidades numa “unidade”, mesmo quando estão presentes diversas origens e hábitos de cante, o que lhe confere um certo sincretismo, aspecto que desenvolverei mais adiante.

---

<sup>1</sup> Habituada a ouvir esta sonoridade arrastada e dolente pelas gentes do sul, no seu contexto regional, foi com interesse que numa das primeiras incursões no terreno antropológico, no Feijó, encontrei um cante igualmente sentido e com características muito semelhantes ao cante que se produz no Alentejo. A única diferença é que estava na Margem Sul.

Por outro lado, através do cante, esperava poder delinear os projectos biográficos que envolveram o processo das migrações internas, do Alentejo para a periferia sul da cidade de Lisboa, os fenómenos de mudança social e recomposição identitária. Estudar o cante fora do Alentejo, reforçava, ainda a possibilidade de demonstrar como um elemento cultural se adapta e transforma face à complexidade dos fluxos migratórios.

### **1. O Grupo Coral e Etnográfico “Amigos do Alentejo” do Clube Recreativo do Feijó**

O Feijó, a mais recente freguesia do Concelho de Almada, possui um número muito elevado de residentes alentejanos, trabalhadores, na sua grande maioria, no Arsenal do Alfeite, ou das indústrias siderúrgicas das redondezas.

Trazidos para estas bandas nos anos 50/60, os Alentejanos transportaram consigo a sua cultura, na qual incluíram o seu cante. Dispersos numa terra sem grandes atractivos, era ao final do dia, ou ao fim de semana, nas tabernas do Feijó e dos arredores (hoje já muito poucas existentes, quase todas convertidas em cafés), entre um copo de vinho e um petisco tipicamente alentejano, ou não, que os homens com o cante celebravam o convívio. Durante anos, era assim que muitos alentejanos, neste contexto geográfico, passavam os seus tempos livres, havendo mesmo quem afirme que o ter-se mudado para o Feijó não alterara os seus hábitos de sociabilidade e de saída com os amigos.

Em 1986, e depois de uma rapidíssima tentativa de formar um coral alentejano, no Feijó, com elementos só do Concelho de Barrancos, foi criado o Grupo Coral “Amigos do Alentejo” do Clube Recreativo do Feijó. A este grupo aderiram homens de todo o Alentejo, se bem que a maioria, fosse de terras da Serra de Serpa, por ter tido origem num outro núcleo designado “Os Amigos da Serra de Serpa”, (este grupo reunia-se anualmente num piquenique de confraternização e cantava duas ou três modas, não tinha existência oficial).

Após o 25 de Abril, numa fase que se estende até à 2ª metade dos anos 80, existe uma política cultural de incentivo à preservação da Música Popular Portuguesa e é nesse contexto que se formaram muitos grupos corais, bandas, ranchos folclóricos, entre outros. O grupo coral do Feijó surgiu nessa época, num momento em que se desenvolviam outros corais alentejanos na Margem Sul, (sobretudo nos concelhos do Barreiro, Seixal e Setúbal).<sup>2</sup>

Em 1982, essa era uma tendência que já se começava a evidenciar em toda a Cintura Industrial de Lisboa, pelo que já Colaço Guerreiro alertava para a importância que esses grupos, criados fora do Alentejo, desempenhavam na preservação de um património cultural.

***“ Ressalte-se, porém, que a importância destes e daqueles que do Alentejo são, é vital para a perpetuação e vivificação da nossa cultura. Eles são o tampão que evita a diluição da nossa identidade***

---

<sup>2</sup> Em 1997 na obra **Corais Alentejanos** de José Francisco Pereira, contavam-se na Margem Sul do Tejo, mais de 13 grupos alentejanos

***no pântano dos valores estranhos que nos são impingidos. Eles são a chama que mantém acesa a nossa autenticidade e nos acalenta para recusarmos modelos de vida que não são os nossos. Cá e lá , ou onde quer que existam, os grupos Corais representam, como nada mais, a veracidade do nosso ser, e ilustram de forma ímpar o virtuosismo do nosso povo.”***<sup>3</sup>

Esta questão da preservação dos valores culturais alentejanos, defendida pelos grupos corais , especialmente em contextos deslocados, como é o caso da Margem Sul, pode adquirir novos contornos e transformar-se em algo bem mais complexo. Assim, este cante instituído remete-nos para uma série de interrogações, exigindo uma nova reflexão em torno da noção de “povo” e de “região”, uma vez que num grupo coral fora do Alentejo, encontramos não só um povo e não só um Alentejo representado, mas a conjugação de uma diversidade , na medida em que esses grupos reúnem, normalmente, homens de diferentes localidades. Por outro lado, e de acordo com a citação de Colaço Guerreiro, coloca-se a questão da “veracidade” e do “virtuosismo” desta tradição, tratando-se de uma realidade sincrética, que interliga lógicas aparentemente contraditórias, mas que lhe conferem sentido.

É esta construção social regional e as estratégias utilizadas ,como garantia desta identidade, o âmago da pesquisa antropológica que tenho vindo a realizar no Feijó.

---

<sup>3</sup> Revista Alentejana – Dezembro 1982

O grupo Coral Alentejano do Feijó, ao longo dos seus catorze anos de existência, tem tido um número estável de elementos ( entre os vinte sete, vinte oito homens, embora tivessem chegado a ser trinta e seis elementos) apesar de muitas entradas e saídas de participantes. Actualmente conta com 28 homens, conjugando cerca de 15 terras diferentes, como por exemplo: o Redondo, Portel, Pias, Serpa, Vila Verde de Ficalho, S. Matias, Aljustrel, Odemira, Barrancos, entre muitas outras. São, no entanto, as terras do Baixo Alentejo (essencialmente as raianas) as que maior representatividade têm no grupo, já que o Alto Alentejo e o Alentejo Litoral, possuem muito poucos elementos dentro do mesmo.

Tal como outros grupos corais criados fora do seu território habitual, os “Amigos do Alentejo” apresentam características e questões diferentes dos grupos corais fundados no Alentejo, uma vez que possuem uma outra dinâmica e uma outra estrutura sócio-cultural. Assim, ao contrário dos grupos corais alentejanos, geralmente todos da mesma terra e com uma identidade regional muito enraizada, nos grupos corais instalados fora do Alentejo, há que saber gerir e compatibilizar essa diversidade regional, numa identidade comum, não só em termos de sonoridade e de harmonização vocal, mas em termos de ideologia e dos processos culturais.

No caso do Grupo Coral e Etnográfico “Amigos do Alentejo”, do Clube Recreativo do Feijó, essa harmonização tem sido contínua, reactualizando-se constantemente, em torno de um colectivo, dos interesses do grupo. É nesse sentido, que todas as decisões tomadas devem ser consensuais, para que haja bom entendimento e coesão do grupo. Nesta perspectiva, há uma absorção neste coral, não só da diversidade dos cantares, como da individualidade,

existindo um ideal de grupo que não tem a ver só com o gosto de cantar, mas de promoção de uma colectividade como o expoente visível de uma identidade.

## 2. Os Sincretismos na Construção de uma Identidade

Na análise dos discursos e práticas identitárias de grupos minoritários, como no caso dos migrantes alentejanos da Margem Sul, encontramos cada vez mais uma relação com as origens, com uma busca constante pela “autenticidade” e pelos “purismos” e tradições do passado, que tentam ser recriados à luz do tempo actual. Nessas recriações, não é raro encontrar reproduções aproximadas da realidade, pelo facto de se reinventar algo que já tinha uma existência anterior. A estes fenómenos, que a globalização fez acelerar, designamos de “crioulização”; “mestiçagem”; “sincretismos”.

No caso do grupo coral do Feijó também podemos encontrar essa justaposição de lógicas diferentes. A sua formação, num território que em nada tem a ver com o Alentejo, é sobretudo uma “reinvenção da tradição”<sup>4</sup>, que se afirma enquanto elemento identitário, reivindicando um estatuto e uma cultura regional. Por outro lado, o cante no Feijó, conjuga uma dupla identidade, na medida, em que alicerça uma cultura inspirada no passado, mas fortalece uma sociabilidade inscrita no Feijó, localidade na qual, a maior parte dos elementos do grupo se encontrou e ganhou laços de amizade. Deste modo, temos uma identidade regional, que vive interligada, com uma identidade suburbana, já

---

<sup>4</sup> Cf. Hobsbawm, Eric e Terence Ranger (eds.) (1983) *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press

que o grupo nasceu num espaço que foi sendo conquistado e apropriado durante o processo de migração.

A intersecção desta dupla identidade, resulta numa identidade sincrética, que reúne uma cultura, um património de uma dada região, com as influências exteriores do território envolvente. Actividades culturais organizadas pelo grupo coral do Feijó, como as Janeiras, por altura dos Reis, os desfiles dos grupos corais, todos os meses de Junho, ou a Semana do Alentejo, ocasionalmente, são , entre outras iniciativas, uma manifestação dessa “mescla”, que permite uma construção social identitária forte, onde os discursos oficiais de emblematização cultural se repetem e ganham uma grande aderência entre a comunidade alentejana no concelho de Almada.

Outros elementos visíveis, neste processo de dupla hermenêutica, são as modas e os trajes do grupo. As modas , quase todas, recolhidas nos cancioneros antigos, revelam um olhar pelos campos do Alentejo, pelos que neles trabalharam, os usos e costumes de outros tempos, mas evidenciam também, pelo menos em duas modas inéditas, escritas por elementos do grupo, a marca do ambiente suburbano que os rodeia. São disso exemplo, “Feijó, Meu Lindo Feijó”, que funciona como hino do grupo e é uma referência para todos os Alentejanos da freguesia, já que realça o modo como estes se tornaram os seus “ filhos adoptivos”<sup>5</sup>, ou ainda a moda “Almada Jovem Cidade”, na qual se elogia a beleza do concelho, e se refere elementos característicos da localidade, como os “velhos cacilheiros”, a ponte sobre o

---

<sup>5</sup> Moda “ Feijó, Meu Lindo Feijó” :” Feijó, foste o preferido  
Hoje todos cá moramos  
Somos teus filhos adoptivos  
Neste momento cantando”

Tejo”, ou o “Cristo Rei”. Nas duas modas, o Alentejo não é, no entanto esquecido, funcionando como uma referência de pertença constante .

No que diz respeito aos trajes do grupo, só desde finais de 1998, é que se tornaram “etnográficos”, vestindo, até essa data, calça azul, camisa azul e branca e lenço vermelho. Os trajes etnográficos representam onze figuras do Alentejo do século passado ( como é o caso do Almocreve, Feitor, Ceifeiro, Pastor, Vaqueiro, Porqueiro, entre outros) , recriando não só as indumentárias, mas , os instrumentos característicos de cada uma dessas figuras. Ao vê-los assim trajados nas ruas do Feijó, cantando em desfile , o contraste entre o que eles representam e o espaço que os envolve é bem visível.

Em relação ao traje do grupo, tanto no primeiro traje uniformizado, como no traje etnográfico actual, trata-se de um elemento tradicional que nunca criou incompatibilidades, ou perplexidades ao colectivo do grupo. Ao contrário do cante ,que apresenta algumas diferenças nos tons e sotaques, consoante as terras representadas e uma maior adaptação das vozes ao conjunto, o traje é um purismo que não cria tensões ou conflitos. Assim, é muito mais fácil, vestir um alentejano, independentemente da sua origem, de Ceifeiro ou Almocreve, ou de um outro ofício tradicional, porque as diferenças a nível local são pouco relevantes, do que pôr a cantar em grupo, um ponto ou um alto, de Odemira, Barrancos, Serpa, ou de outras localidades diferentes.



### 3. Conclusões

O Cante assume, nesta perspectiva, mais do que uma musicalidade do sul, uma estratégia identitária, um discurso e uma prática emblematizada, no qual se busca recriar a autenticidade das suas raízes.

Essencialmente uma prática masculina, o cante, no Feijó, poderá remeter-nos também, para uma questão de género, facto que virei a aprofundar na minha investigação, já que as mulheres que os acompanham, não participando activamente nesse tipo de performance, reúnem-se muitas vezes, através das actividades do grupo coral, fomentando sociabilidades e estratégias de convívio, podendo ter um papel dinamizador, nessa construção identitária.

No Feijó, a vivência cultural alentejana, deve-se, em grande parte, ao seu coral, dinamizador de inúmeros eventos, sendo os principais protagonistas visíveis de todo o Concelho de Almada . Face a essa circunstância, é com grande adesão que a comunidade alentejana do Feijó e arredores afluí até ao Clube Recreativo do Feijó, em dias de festa. Nessas ocasiões, sente-se uma envolvência muito especial, que torna possível o convívio entre amigos, parentes e conterrâneos, e entre aqueles que há muito não se vêem.

Afastado da paisagem alentejana, da estrutura social agrária, do qual é característico, o cante afirma-se ,assim, como acto de resistência e do mesmo modo que referiu o antropólogo Luís Maçarico<sup>6</sup>: “como uma bússola que faz emergir duas realidades: a ”real” e a tradição reinventada”.

---

<sup>6</sup> Citação de Luís Maçarico no Colóquio ,apresentado na Junta de Freguesia do Laranjeiro, sobre o “Cante e os seus poetas”, integrado na 5ª Semana do Alentejo- Junho 2000